

A INFLUÊNCIA SOCIAL NA LOUCURA DE RUBIÃO EM *QUINCAS BORBA*

THE SOCIAL INFLUENCE ON RUBIÃO'S MADNESS IN *QUINCAS BORBA*

LA INFLUENCIA SOCIAL EN LA LOCURA DE RUBIÃO EN *QUINCAS BORBA*

Leticia Regina Cavalheiro

Welligton Ricardo Fioruci

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar o livro *Quincas Borba*, de Machado de Assis, com foco na personagem Rubião, com vistas à reflexão acerca da influência social da burguesia carioca do séc. XIX sofrida pelo protagonista e como isso afeta suas faculdades mentais e a consequente evolução para a loucura. A problematização sobre o contexto histórico do Rio de Janeiro do séc. XIX é de extrema relevância, pois auxilia na compreensão da crítica de Machado de Assis em relação à realidade da burguesia carioca daquele período e suas idiosincrasias, de modo a demonstrar como Rubião se configura numa alegoria do próprio país. O foco narrativo utilizado por Machado de Assis também é relevante para o entendimento da obra e suas nuances discursivas relativas à crítica social. O método utilizado é bibliográfico e tem como resultado uma leitura problematizadora da obra, frisando sua importância para a literatura brasileira.

Palavras-chave: Machado de Assis; *Quincas Borba*; Loucura; Rubião.

ABSTRACT

The present article aims to analyze the book *Quincas Borba*, written by Machado de Assis, focusing on Rubião character, able to reflect about the 19th Century carioca bourgeoisie social influence suffered by the protagonist and how that affects his mental skills and the resulting development into madness. The questioning around the Rio de Janeiro's 19th Century historical context is of great importance, because it helps to understand the criticism of Machado de Assis to the carioca bourgeoisie reality of that time and its idiosyncrasies, in order to show how Rubião becomes an allegory of his own country. The narrative focus used by Machado de Assis is also relevant for the understanding of this work and its discursive nuances related to social criticism. The method used is bibliographic and has as its result a problematizing reading of the work, emphasizing its importance for Brazilian literature.

Keywords: Machado de Assis; *Quincas Borba*; Madness; Rubião.

Quincas Borba é um romance que se passa na corte do Rio de Janeiro entre os anos de 1867 e 1871. A primeira versão da história foi completamente composta no modelo de Folhetim e apenas em 1891 foi organizada e transformada em romance. Durante o período de composição da obra, a sociedade carioca passava por extremas mudanças sociais e espaciais, e é possível ver traços extremamente realistas no romance quanto à crítica sobre a sociedade burguesa.

Por consequência dessas mudanças que ocorreram de forma abrupta no Brasil, o ambiente literário teve que ser reformulado para atender as novas causas e questionamentos que surgiam. Com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* em 1881, Machado de Assis dá início ao movimento literário chamado Realismo, cuja característica principal é a crítica explícita à burguesia e seus defeitos e a fidelidade com a realidade da sociedade. Opondo-se aos ideais do Romantismo, que adornava a realidade e fantasiava acontecimentos sociais com o objetivo de fuga dos problemas sociais em ascensão.

Outro aspecto que é notável na obra, que diz muito sobre o período literário, mas também sobre o modo de narrativa de Machado, é a problematização do aspecto psicossocial do personagem, juntamente com a sutileza na descrição do ambiente, que se desenrola com o objetivo de explorar sentimentos de angústia, pessimismo e ansiedade, sentimentos predominantes da sociedade em plena transformação e a difícil compreensão dessas modificações.

Quincas Borba é uma das obras que mais vai ao encontro das ideias filosóficas pessimistas que Machado de Assis tinha por base sobre a composição da sociedade e do homem. E é a partir destas características que se torna possível a percepção gradativa da loucura do personagem Rubião. Este artigo tratará de uma análise da loucura de Rubião como forma de escape social, já que este personagem não consegue lidar com as situações sociais nas quais se insere.

CONTEXTO HISTÓRICO

A obra *Quincas Borba* foi publicada em um cenário conturbado e em plena transmutação, já que afetado pelas revoluções que se desenrolaram no século XIX. O Rio de Janeiro do Segundo Reinado se modifica espacial e socialmente por diversas

influências, tanto pelas mudanças que a Capital Federal passava entre os anos 1860 e 1870, como também o fim da Guerra do Paraguai, as demandas abolicionistas acarretadas pela Lei do Ventre Livre, assim como o movimento republicano que ganhou força na época.

Entre os anos narrados no livro (1867 a 1871) o Rio estava saindo da sociedade rural e escravocrata e adentrando ao sistema capitalista juntamente com o surgimento de uma nova elite financeirizada e internacionalizada que secularizava e produzia novas formas de interação social (NEEDELL, 1993, p. 20). Conforme afirma Borges:

As velhas formas de sociabilidade modificaram-se consideravelmente junto com a configuração da nova realidade cultural. Os indivíduos inseriram-se em outras formas de convivência social, e outros laços irromperam em inimagináveis espaços e tempos, em modos variados, adequados à sociedade burguesa e capitalista, que se consolidava e avançava, adotando parâmetros considerados mais modernos em sua existência dinâmica. (BORGES, 2001, p. 50).

Por consequência das diversas modificações espaciais e sociais influenciadas pela chegada dos europeus e seu modelo social, abriu-se a possibilidade de mobilidade social. Este aspecto é de grande importância para o contexto carioca, pois a vontade de migrar para uma sociedade mais evoluída traz mais mão de obra e junto a esperança de uma ascensão social. Contudo, ocorre um adensamento da população urbana de baixa renda, ocasionando uma crise no sistema habitacional. Havia, no geral, muitas novas informações, mas uma má administração.

Devido à rápida transformação social, a literatura teve que se adaptar e refletir o ambiente urbano agora existente. As obras iniciais do realismo começavam a retratar questões individuais e de cunho comportamental, assim como o cotidiano urbano e a realidade burguesa. A cidade começa a integrar o romance no realismo moderno. Machado de Assis traz muitas características realistas ao retratar a sociedade carioca na obra *Quincas Borba*. O Rio de Janeiro e suas conturbações são o pano de fundo de grande influência para a gradual insanidade que acarreta o protagonista Rubião.

A TRAMA TEXTUAL MACHADIANA

Ao analisarmos o tema da loucura inserida na obra se faz necessário elucidar o modo de narrativa de Machado de Assis, pois este é de extrema relevância para a

compreensão interpretativa sobre *Quincas Borba*. Segundo Bastide (1940) ao abordar a paisagem, o autor evita a descrição, e insere o ambiente na trama através dos personagens, reduzindo sua presença física e procurando compactar os dois aspectos de uma forma que o ambiente seja uma extensão das personagens ao mesmo tempo em que as personagens sejam uma extensão do ambiente “[...] a natureza nele não é ausente, mas ele soube suprimir o intervalo que a separava dos personagens, misturando-a com estas, fazendo-a colar-se lhe à carne e à sensibilidade, integrando-a na massa com que constrói os heróis de seus romances.” (BASTIDE, 1940, p. 423).

O modo como Machado retrata a paisagem e o contexto social de forma sutil sugere um tom de sensibilidade, uma sensação de angústia ou de ansiedade, referenciando levemente algum aspecto do ambiente. Esta forma narrativa é de grande relevância para ampliar a compreensão dos personagens, ao sentirmos o ambiente através destes.

Como esclarece Pereira (1973, p. 62) acerca do método de Machado “A imensa distância que vai, no romance, entre fazer ver as pessoas através do ambiente, e deixar perceber o ambiente através das pessoas, Machado de Assis a transpôs serenamente, sem auxílios nem hesitações.”

Este método narrativo tem princípios realistas, ao entrelaçar o social ao comportamento dos personagens. O ambiente, mesmo relativamente ausente, é de grande influência para a compreensão da obra, como também para a percepção dos atos e modo de agir das personagens. A narrativa deixa visível o modo egoísta e manipulador do comportamento dos indivíduos inseridos em tal contexto social. Segundo Xavier:

A todo momento, o narrador ridiculariza os sistemas filosóficos e ideológicos do século XIX. Mais que isso, ceticamente exhibe a alienação dos homens que, imbuídos de diversos interesses, enlouquecem em busca de conforto e prazer. A ironia maior está no fato de o delator da loucura alheia ser um louco – *Quincas Borba*. (XAVIER, 2014, p. 110)

Outro método narrativo utilizado por Machado de Assis é a fragmentação da obra, a contínua saída e mudança de foco na narrativa. Essa técnica também torna possível uma melhor visualização e contextualização do ambiente. “O narrador se afasta da interioridade do rapaz para explicar a sensação provocada pelo choque de realidade.” (ESTACIO, 2019, p. 24). Tosta traz o conceito de “entreabertura” na obra, baseado nos estudos de Umberto Eco, segundo ele, essa “entreabertura” possibilita uma interpretação e julgamento do leitor:

Eco, portanto, usa o conceito de “abertura” para caracterizar a multiplicidade de interpretações a que toda obra de arte está necessariamente sempre sujeita. [...] O leitor/observador/receptor/espectador/etc., tem a função de interagir com a obra e a liberdade de, baseado nesta interação e na sua bagagem pessoal, intelectual e cultural, tirar as suas próprias conclusões sobre a mesma, ou, como alguns autores diriam, “completar” a obra. (TOSTA, 2004, p.39)

Este conceito de abertura proposta por Umberto Eco nos possibilita ativar nosso conhecimento prévio ao lermos a obra, sendo assim, nos deixa mais próximos e receptivos a compreender o modo como o personagem lida com as situações que lhe surgem, portanto, a “entreabertura” potencializa a humanização de um personagem totalmente fictício.

Ao analisar o comportamento e a sensibilidade dos personagens principais, essa ausência de espaço físico incentiva o entendimento da obra como sendo um romance psicológico, pois interioriza o personagem e abre a possibilidade de interpretação pelo leitor sobre os atos e ações do personagem.

Neste aspecto também se insere o modo como Machado cria o narrador da história, fazendo com que frequentemente o narrador apele para o leitor. Atraindo total atenção para a narrativa, o narrador machadiano segundo Sérgio Peixoto (1998) é “[...] uma espécie de narrador sádico e perverso” se intrometendo no enredo, criando ambiguidades, confusões, devaneios e dúvidas na mente do leitor. Assim, se insere ainda mais nossas próprias vivências para questionar as ações dos personagens.

Uma das características mais marcantes de Machado de Assis, principalmente em *Quincas Borba*, é o pessimismo inserido em toda sua composição, a forma cética com que Machado retrata a sociedade carioca, e a forma como os personagens se inserem, sempre mostrando seu lado mais sombrio e egoísta. Este modo de compor a obra diz muito sobre a base filosófica de Machado de Assis, que tem por pensador primordial Schopenhauer. Segundo Rosa Maria Dias em seu artigo “O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer”:

Tal como Schopenhauer, Machado pôs em cena o grande drama da existência humana. Sistematizou no ‘Autor de si mesmo’ sua visão pessimista da vida. Os seres humanos estão condenados à infelicidade, não só porque são títeres de uma força inconsciente e instintiva, mas porque a estrutura inata do afeto impede de maneira inerente a aquisição da felicidade (DIAS, 2005, p 392).

Todos estes aspectos influenciam ativamente na compreensão e análise das obras machadianas e, em particular, no romance *Quincas Borba*, em suma, auxiliam na formação de uma análise mais profunda sobre a dimensão psicossocial relativa à loucura gradual de Rubião.

INFLUÊNCIA SOCIAL SOBRE A LOUCURA DE RUBIÃO

Ao abordar estas questões acerca do contexto social, juntamente com o conhecimento das nuances narrativas de Machado de Assis, é possível analisar com mais propriedade o protagonista Rubião.

Já no início do livro temos uma visão do personagem, que fica um tanto turva pelo encontro da dualidade em suas ações, pelo conflito moral deste ao herdar os bens de Quincas Borba, pois Rubião só se torna herdeiro universal porque sua irmã, noiva de Quincas Borba, morre, e posteriormente, cuida do doente Quincas Borba em seus dias finais, desse modo, sentimentos de felicidade e tristeza se entrelaçam no personagem quando questiona-se se estava à cuidar de Quincas Borba por bondade ou apenas por interesse financeiro. Contudo, o sentimento de posse e a euforia permanecem, ao se considerar feliz e realizado após ganhar a herança e se mudar de Minas para o Rio de Janeiro.

Cortjava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora! Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo. Cristiano Palha), para a casa, tudo, desde as chinelas, até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade. (ASSIS, 2003, p. 9)

Esta mudança repentina na vida do protagonista é um dos principais fatores para seu sentimento de deslocamento na sociedade em que se encontrava agora, por ser de completa diferença com seu passado. Por isso, Rubião dá muita importância aos conselhos de seus novos amigos, Palha e Sofia, entre outros, mesmo que muitas vezes sendo divergentes aos seus pensamentos, para assim, criar e manter um *status*.

Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço [...] O criado esperava tenso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse

que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. (ASSIS, 2003, p. 11)

Segundo o artigo “A Retórica da loucura em Quincas Borba” os papéis sociais representados na obra são apenas máscaras idealizadas para esconder o verdadeiro eu dos personagens:

Aqueles papéis sociais, apesar de parecerem coerentes e racionais servem como arquétipos de uma cisão profunda entre o que quer ser e o que deve ser, o psíquico e o social, o coração e o espírito, demonstrando a internalização da confusão mental na sociedade moderna. (CARVALHO, 2015, p.163)

Como consequência, Rubião deixa de ser o homem pobre e humilde do interior de Minas para se tornar o homem ambicioso e egoísta que vai surgindo no Rio de Janeiro. O início de sua deterioração mental se torna visível quando ele se apaixona por Sofia, mesmo ela sendo casada com seu amigo Palha. Esta paixão se perpetua durante todo o romance e gradativamente Rubião começa a normalizar os pensamentos de adultério. Este sentimento se torna uma obsessão, o que o deixa ainda mais confuso, e começa a criar ilusões amorosas com Sofia.

A vivência que Rubião tem com Quincas Borba é de extrema relevância para compreender os seus delírios iniciais. Nota-se a confusão mental do protagonista quando ele começa a acreditar que o cachorro é na verdade seu antigo dono e, por este motivo, começa a ter diálogos com o cachorro.

-E por que não? perguntou uma voz, depois que o major saiu. Rubião, apavorado, olhou em volta de si; viu apenas o cachorro, parado, olhando para ele. Era tão absurdo crer que a pergunta viria do próprio Quincas Borba,-ou antes do outro Quincas Borba, cujo espírito estivesse no corpo deste, que o nosso amigo sorriu com desdém, mas, ao mesmo tempo, executando o gesto do capítulo XLIX, estendeu a mão, e coçou amorosamente as orelhas e a nuca do cachorro,- ato próprio a dar satisfação ao possível espírito do finado. Era assim que o nosso amigo se desdobrava, sem público, diante de si mesmo. (ASSIS, 2003, p.162)

Esta relação que Rubião tem com o cachorro, derivando em diálogos delirantes quando está sozinho, ao mesmo tempo em que esnoba o animal quando se encontra estável, esclarece acerca da postura que o protagonista sempre tentava manter após se

tornar um homem rico e bem visto pelo Rio de Janeiro. Entende-se que Rubião mascara a si mesmo para melhor se encaixar na sociedade, evitando transparecer que ainda era o homem humilde de Minas. Pode-se afirmar que a loucura surge como tentativa de escape. Segundo Martiny e Cantarela (2010, p.1) “[...] além de herdar grande quantia em dinheiro e diversos bens materiais, [...] Rubião recebe algo muito maior: o desafio de se tornar um capitalista e enfrentar as consequências que a nova vida iria lhe trazer”.

Conforme as relações sociais de Rubião aumentaram, as cobranças sobre o protagonista se intensificaram, a sociedade carioca cria a expectativa que ele seja bem resolvido em aspectos sociais, políticos e sentimentais, esta imposição de um modo de vida são aspectos aos quais socialmente Rubião não conseguia se adaptar, por isto, tenta acompanhar todos o tempo todo. Machado retrata neste aspecto a necessidade de a burguesia europeizar-se, que o modo de vida carioca deveria corresponder ao padrão europeu.

[...] as relações de Rubião tinham crescido em número. Camacho pusera-o em contato com muitos homens políticos, a comissão das Alagoas com várias senhoras, os bancos e companhias com pessoas do comércio e da praça, os teatros com alguns frequentadores e a Rua do Ouvidor com toda a gente. Já então era um nome repetido. Conhecia-se o homem. [...] Nenhum daqueles homens sabia, entretanto, o sacrifício que lhes fazia o Rubião. Recusava jantares, passeios, interrompia conversações apazíveis, só para correr à casa e jantar com eles. Um dia achou meio de conciliar tudo. Não estando ele em casa às seis horas em ponto, os criados deviam pôr o jantar para os amigos. [...] (ASSIS, 2003, p. 271, 273)

Esta pressão inesperada faz com que Rubião não saiba administrar bem suas relações sociais, deixando ser controlado e manipulado por diversas pessoas, deixando-as usufruir de seu patrimônio livremente. De acordo com Xavier (2014), o fio condutor das ações dos personagens machadianos é constituído por suas vontades, sempre com a finalidade de seu próprio bem-estar e prazer, manifestando em cada personagem o caráter egoísta e cruel assim que seus interesses são afetados. E esta definição é o reflexo do círculo social em que Rubião foi inserido, porque as pessoas que o rodeavam pensavam no seu próprio bem-estar, e para isso, usufruíam da boa vontade do anfitrião, não se importando com as suas condições mentais.

Em *Quincas Borba* o interesse, este que tem por base o egoísmo, é evidente. Palha ao se associar a Rubião tem como objetivo se apoderar do dinheiro do ingênuo homem.

Outros personagens também se aproximam por interesse, Freitas e Camacho são os principais exemplos de uma sociedade forjada no interesse pelo financeiro.

Os delírios iniciais de Rubião, em grande medida ligados a Sofia e sua paixão impossível, também têm sua origem no que tange à posição social que Rubião não consegue administrar e faz com que surjam outros delírios relacionados ao fato de que a personagem acredite com toda veemência que é Napoleão Bonaparte.

Neste aspecto pode-se notar mais claramente a ironia machadiana, pois Napoleão Bonaparte conquistou a posição por mérito próprio, por sua coragem e excelente liderança e estratégia de guerra, tornando-se a figura chave da Revolução Francesa. Já Rubião entra na sociedade burguesa por meio de uma herança concedida, não se esforça para ascender socialmente e nem tenta modificar o quadro social e político em que vive e sim incorpora os comportamentos desta sociedade.

Torna-se visível porque Rubião delira em torno desta figura, pois ela demonstra poder e confiança na sociedade, coisas que o protagonista não possuía. Rubião tenta disfarçar seu fracasso social encobrendo sua própria personalidade e deixando aflorar a figura imponente de Napoleão. Segundo Peres e Massimi (2007) “[...] sua segunda personalidade se forma a partir da ideia fixa: a nobreza”. E essas fugas eram seu modo de escape para seu sofrimento, contudo “Quando Rubião voltava do delírio, toda aquela fantasmagoria palavrosa tornava-se, por instantes, uma tristeza calada. A consciência, onde ficavam rastros do estado anterior, forcejava por despegá-los de si” (ASSIS, 2003, p. 356).

O mecanismo da loucura surge quando um acontecimento extremamente árduo e angustiante para o indivíduo chega e atinge o seu limiar de tolerância e, como resposta, a sua natureza recorre à loucura como “último recurso” para cessar estas dores, para Schopenhauer (2004, p. 203), “[...] o espírito torturado rompe, por assim dizer, o fio da sua memória”. Assim, Rubião cria a persona de Napoleão para se encaixar melhor na sociedade. E vai tornando-se completamente insano.

Rubião era ainda dois. Não se misturavam nele a própria pessoa com o imperador dos franceses. Revezavam-se; chegavam a esquecer-se um do outro. Quando era só Rubião, não passava do homem do costume. Quando subia a imperador, era só imperador. Equilibravam -se, um sem outro, ambos integrais. (ASSIS, 2003, p. 297)

Schopenhauer (2004) discorre sobre a ideia de que a loucura emana de uma necessidade de esquecer e dissolver registros conscientes de experiências dolorosas adjacentes da realidade, tais como “violentas dores morais” e “acontecimentos terríveis”. Na narrativa, estes “acontecimentos terríveis” sobre os quais Schopenhauer discorre podem ser relacionados com a negação de Sofia para com seus sentimentos amorosos e “violentas dores morais” pode estar relacionado ao fato de Rubião saber que seus “amigos” só o mantinham por perto por interesse, também como sabia que estava falindo.

Debilitado mentalmente, Rubião se muda, e esta mudança, se encaminha para seu fim. “Tudo se fez sossegadamente. Palha alugou uma casinha na rua do Príncipe, cerca do mar, onde meteu o nosso Rubião, alguns trastes, e o cachorro amigo. Rubião adotou a mudança sem desgosto” (ASSIS, 2003, p. 328).

Esta mudança espacial que ocorre na história frisa a importância da descrição do espaço nas narrativas machadianas, pois, ao descrever um espaço mínimo, se transpassa a angústia e inferioridade que domina Rubião, em contraponto, Palha e Sofia mudam-se para um espaço maior que espelha sua grandeza e poder. Os ambientes são transpostos no decorrer da narrativa de forma que refletem a evolução de sentimentos, pensamentos e ascensão ou declínio dos personagens.

Após a mudança, seus amigos e pessoas mais próximas o evitam, não o visitam, afinal, para eles, um Rubião pobre e louco não tinha utilidade.

Rubião notou que eles não o acompanharam à casa nova, e mandou-os chamar nenhum veio, e a ausência encheu de tristeza o nosso amigo, - durante as primeiras semanas. Era a família que o abandonava. Rubião procurou recordar se lhes fizera algum mal, por obra ou por palavra, e não achou nada. (ASSIS, 2003, p. 330)

D. Fernanda tem um papel de destaque nesta última fase do personagem Rubião, pois se torna a verdadeira e única amiga de Rubião, se preocupando constantemente com sua saúde e bem-estar. “[...] seria um modelo a ser seguido, demonstrando que nem todos encontram satisfação em Humanitas. Sempre disposta a ajudar, a esposa de Teófilo age por virtude e não como as outras personagens de Machado, que são movidas pelo interesse” (XAVIER, 2014, p. 145).

Os personagens Palha e Sofia têm um papel essencial, pois são os primeiros amigos de Rubião, contudo, seus papéis são formados para demonstrar até que ponto vai a ganância humana. Ao longo da história, o narrador vai deixando explícitas as ambições

do casal e a forma como eles usam da boa vontade de Rubião e sua utilidade financeira para a ascensão social de ambos, ao ponto que, ao perder a herança e ficar debilitado mentalmente, Rubião é esquecido e ignorado por eles.

Rubião foi recolhido a uma casa de saúde. Palha esquecera a obrigação que Sofia lhe impôs, e Sofia não se lembrou mais da promessa feita à rio-grandense. Cuidavam ambos de outra casa, um palacete em Botafogo, cuja reconstrução estava prestes a acabar, e que eles queriam inaugurar, no inverno, quando as câmaras trabalhassem, e toda a gente houvesse descido de Petrópolis. (ASSIS, 2003, p.370)

Por fim, se tem Rubião em condição subalterna, abandonado pelos amigos e pela sociedade, que o observam e o julgam de longe, nas ruas de Barbacena. O romance, nesse sentido, pode ser lido como uma ontologia do abandono (SENNA, 2008).

Ao fugir da casa de saúde, Rubião se direciona para a última transição espacial, que dá um desfecho ao seu personagem, momento em que ele retorna a Minas e relembra sua vida humilde e pobre. Minas Gerais tem um papel reconfortante e Rubião foge para lá para escapar do Rio de Janeiro e suas loucuras. As mudanças de espaço condizem com as mudanças psíquicas que o personagem sofre durante a narrativa, podendo, assim, associar a eventual loucura do personagem com sua mudança espaço-social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quincas Borba levou cinco anos para ser escrito, o que demonstra a preocupação do autor para com o texto e seus dilemas, representados pelos temas-chave da obra, a loucura, o adultério e o poder, em torno dos quais gravitam as três personagens centrais. Por tais motivos, é um dos romances machadianos mais críticos à sociedade burguesa brasileira e às relações de interesse que alimentam seus membros. O protagonista deste sofisticado romance, Rubião, encarna de forma conflituosa essa sociedade, afinal, tanto manipula quanto é manipulado pelo poder e a cobiça.

A degradação mental sofrida pelo personagem funciona na narrativa como uma metáfora da degradação da própria cidade, violentada pelas transformações pelas quais vinha passando. Rubião representa, portanto, a metonímia da própria sociedade atrasada que tenta se modernizar a qualquer custo, processo civilizacional próprio do capitalismo excludente e exploratório. Poderia afirmar-se que Rubião é a própria alegoria do Brasil.

É fato que o passado colonial e escravocrata ainda permanece vivo na República, porém oculto ou diluído por novas máscaras sociais. Desmascarar as personagens e revelar seu íntimo é, sem dúvida, uma das faces mais conhecidas e valorizadas da poética machadiana.

O pessimismo machadiano revela-se, assim, na construção dos jogos de cena que se travam entre o casal Palha e Rubião, colocando a nu a ganância e as trocas de favores que os movem, além dos demais personagens que os circundam, com raras exceções. O estilo irônico e ambíguo de Machado soma-se a uma contundente crítica social que tornam essa obra tão significativa para a análise da prosa machadiana.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Quincas Borba**. Ediouro, 2º ed. São Paulo, 2003. 397p.

BASTIDE, R. Machado de Assis, paisagista. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 418-428. 1940. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116634>> Acesso em: 21 maio. 2020

BORGES, V. R. Em busca do mundo interior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. **Estudos Históricos**, n. 28, p. 49-69, 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2143>> Acesso em: 21 maio. 2020

CARVALHO, I. G. A retórica da loucura em Quincas Borba. **Brasiliana**, n.4, v.1, p.159-186, 2015. Disponível em: <<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/20669>> Acesso em: 21 maio. 2020

DIAS, Rosa Maria. O autor de si mesmo: Machado de Assis leitor de Schopenhauer”. In: **Revista Kriterion**. Belo Horizonte: Departamento de Filosofia da UFMG, nº 112, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2005000200020&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 21 maio. 2020

ESTACIO, D.Q. **Mapeamento Literário no Romance Machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba**. 2016. 57f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

ESTACIO, D. Q. **Mapeamento Literário no Romance Machadiano: pressupostos para leitura de Quincas Borba**. 2019. 99f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

MARTINY, F. M. CANTARELA, R. Ao vencedor, o Rubião – uma visão sobre a sociedade capitalista em Quincas Borba. **Revista Infância, Sociedade e Educação**, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/9942635-Ao-vencedor-o-rubiao-uma-visao-sobre-a-sociedade-capitalista-em-quincas-borba.html>> Acesso em: 21 maio. 2020

NEEDELL, J. D. Rio de Janeiro: capital do século XIX brasileiro. In: **Belle époque tropical**. Companhia das Letras, p. 19-73, 1993.

PEREIRA, L. M. **História da literatura brasileira: Prosa de ficção (1870-1920)**. Itatiaia. São Paulo, 1988

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. 2ªed., Trad. M. S. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SENNA, M. O olhar oblíquo do bruxo: ensaios machadianos. 2. ed. rev. e modificada. Rio de Janeiro: **Língua Geral**, Coleção língua de fogo. 2008

TOSTA, A. L. "Machado de Assis: A obra entreaberta." **Luso-Brazilian Review**. n.41. v.1, p. 37-55, 2004 Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/249906670_Machado_de_Assis_A_obra_entreaberta>. Acesso em: 21 maio. 2020

XAVIER, A. C. **Machado de Assis: o pensador poético**. 2014. 159 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.